

# Cadernos Teologia Pública



PARA ALÉM DO LIMIAR DO TEMPLO: APONTAMENTOS ÉTICOS PARA  
UMA PASTORAL EM MODO ON-LINE

Prof. Dr. Thiago Isaias Nóbrega de Lucena  
Pe. José Joanees Souza Oliveira

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (Online)  
ano XVII • número 142 • volume 17 • 2020

INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

# PARA ALÉM DO LIMIAR DO TEMPLO: APONTAMENTOS ÉTICOS PARA UMA PASTORAL EM MODO ON-LINE

## Resumo

As redes sociais radicalizaram nosso trânsito na web a ponto de as percebermos como espaço de vizinhança no qual o virtual torna-se imanente. Em tempos de exceção nos quais isolamento e distanciamento social tornam-se regra, aquilo que fazíamos no espaço métrico (trabalhar, estudar, rezar, reunir, festejar, etc.) passa a ser operacionalizado (ou só possível) através do uso das tecnologias que permitem esse tipo de acesso. Com o acirramento da pandemia de COVID-19 a Igreja, tendo que cumprir as recomendações da OMS, viu-se impossibilitada de reunir fiéis e começou a reagir. Neste texto, estruturado em três momentos que chamaremos 3 “links”, delineamos os passos de um caminhar ético para uma pastoral on-line. O primeiro link procura construir um cenário do final da segunda década do século XXI no qual os aparatos tecnológicos inteligentes e as conexões em rede reorganizam a existência individual e coletiva no planeta. O segundo link sinaliza como a Igreja percebe esse fenômeno e, por meio da metáfora da água que jorra no templo construída pelo profeta Ezequiel (47), convida a pensar no exercício de uma pastoral que habita também um virtual imanente. No terceiro link o texto oferece quatorze (14) propostas de como caminhar pastoralmente por essa segunda sobrenatureza construída pelo humano e que o reconstrói a cada dia. Metodologicamente fizemos uma fusão entre referenciais teóricos das Ciências Humanas e Filosofia da Tecnologia com documentos da Igreja sobre comunicação e atitudes do Cristo que comunica a Palavra.

**Palavras-Chave:** Virtual imanente. Igreja em saída. Pastoral. Ética. On-line.

# **PARA ALÉM DO LIMIAR DO TEMPLO: APONTAMENTOS ÉTICOS PARA UMA PASTORAL EM MODO ON-LINE**

**Prof. Dr. Thiago Isaias Nóbrega de Lucena**

Professor Doutor da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRNI

**Padre José Joanees Souza Oliveira**

Sacerdote católico do Seminário de São José de vila Viçosa em Portugal, Mestrando em Direito Canônico na Universidade Pontifícia de Salamanca-Espanha

**Cadernos Teologia Pública** é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

#### UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

**Reitor:** *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

**Vice-reitor:** *Pedro Gilberto Gomes, SJ*

#### Instituto Humanitas Unisinos

**Diretor:** *Inácio Neutzling, SJ*

**Diretor Adjunto:** *Lucas Henrique da Luz*

**Gerente administrativo:** *Nestor Pilz*

[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

#### Cadernos Teologia Pública

Ano XVII – Vol. 17 – Nº 142 – 2020

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling

**Conselho editorial:** MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel Guilherme Tehner; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PU-CRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, ESTRS, doutor em Teologia.

**Responsáveis técnicos:** Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel Guilherme Tenher.

**Revisão:** Carla Bigliardi

**Imagem da capa:** Patrícia Kunrath Silva

**Editoração:** Ricardo Machado

**Impressão:** Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004. – v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014). ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil  
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467  
Email: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

# **PARA ALÉM DO LIMIAR DO TEMPLO: APONTAMENTOS ÉTICOS PARA UMA PASTORAL EM MODO ON-LINE**

Prof. Dr. Thiago Isaias Nóbrega de Lucena

Professor Doutor da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRNI

Padre José Joanees Souza Oliveira

Sacerdote católico do Seminário de São José de vila Viçosa em Portugal, Mestrando em Direito Canônico na Universidade Pontifícia de Salamanca-Espanha

## **VIRTUALIDADE IMANENTE**

Estamos concluindo a segunda década do século XXI e, definitivamente, grande parte da população do planeta<sup>1</sup> passou a habitar a “infosfera” (LEVY, 2015), espaço complexo, como no radical latino complexus, que signifi-

---

1 Quando dizemos que grande parte da população habita esse território, cuidamos para não generalizar, pois, como todos os efeitos próprios do processo de globalização, também a conexão à internet e seus aparatos inteligentes criam zonas de exclusão. Segundo o observatório internacional #Wearesocial, há atualmente na Terra 7.75 bilhões de habitantes, sendo que desses somente 59% têm acesso à internet. Significa dizer que 3.17 bilhões de pessoas, por distintos motivos, estão fora desse processo comunicativo.

ca aquilo que é tecido em conjunto. Nessa rede tecemos afetos, nos entretemos, trabalhamos, ensinamos e aprendemos, nos georreferenciamos, vendemos e compramos, pedimos táxi, comida, afetamos a democracia, fazemos filantropia. Nessa mesma complexa rede trocamos mensagens e palavras, guardamo-las em “nuvens” (clouds) ou dispositivos supostamente duráveis que compõem e reorganizam nossa existência. Por isso, faz sentido tratá-las como “virtualidades imanentes”, como bem referiu-se o filósofo francês Michel Serres (2013) ao efeito que questões ligadas ao universo on-line incidem diretamente nas sociabilidades cotidianas dos sujeitos. E, mais que isso. A relação com os aparatos construídos por nós altera o nosso jeito de ser humano/social.

Voltando à noção de “virtual imanente”, não faz sentido que ainda nos reportemos às nossas relações em/na rede como sendo de uma suposta ficção pixelizada que só faz sentido enquanto nossos gadgets estão ligados e conectados. Não! Operações iniciadas em aplicações incidem diretamente nas soluções ou decisões que essa parcela da população toma. A paralisação de serviços da internet – ou “quando o sistema está fora do ar” – inviabiliza o andamento de transações desde a esfera micro do nosso cotidiano, como as resoluções bancárias pontuais,

até a esfera macro, que inclui flutuações da economia e até mudanças de rumo na política mundial.

O filósofo da tecnologia Javier Echeverria olha para as visíveis modificações deste tempo pela perspectiva de composição da cidade ou da pólis como faziam os gregos. O filósofo espanhol chama de “Telépolis” (1994) a uma espécie de cidade planetária, sem um centro único – diferentemente de versões anteriores de pólis –, cujos cidadãos executam suas tarefas cotidianas não mais baseando-se nas corporalidades e materialidades das trocas comerciais, educativas e trabalhistas, mas utiliza teledinheiro, teleeducação, teletrabalho. Em Telépolis as noções de tempo e espaço não são construídas baseando-se em métricas. Sustentado pelas redes, passa-se a ter uma ideia de “espaço de vizinhanças”, expressão de Michel Serres (2013), que não exige regime de presença e proximidade física para resolução da maioria das tarefas, e muitas profissões são substituídas por algoritmos matemáticos capazes de executar inúmeras atividades teleguiadas.

Telépolis [...] não tem perspectiva visual, nem geografia urbana desenhável sobre um plano. É multidimensional pelo seu próprio desenho e nem sequer a partir do alto é possível aceder a uma visão global da nova cidade. Para nos orientarmos minimamente nela já não valem

os antigos mapas de cidades: há que recorrer a múltiplas bases de dados, cada uma das quais nos oferecem apenas um corte ou aspecto. (ECHEVERRIA, 1994, p. 6).

Embora pareça a sinopse de uma distopia cinematográfica, trata-se de uma realidade recente – em escala geológica e antropológica – dos tempos e, por ser recente, ao mesmo passo que estamos dentro dela, estamos lentamente aprendendo a lidar com algo que nós mesmos construímos. “Estamos num período incomparável, pois, ao mesmo tempo que essas técnicas se transformam, o corpo se metamorfoseia, o nascimento e a morte mudam, assim como o sofrimento e a cura, as profissões, o espaço, os habitats, o ser no mundo.” (SERRES, 2013, p. 28-29).

Michel Serres está se referindo às mudanças estruturais e estruturantes que a aquisição de um novo suporte do saber causa na vida das pessoas e do planeta. Para se ter uma ideia de proporção, as mudanças iniciadas com o advento das redes são comparáveis às provocadas pela invenção da oralidade e, posteriormente, da escrita, seguida da imprensa.

## A INCERTEZA COMO OPERADORA DA MUDANÇA

Levando em consideração as alterações anteriormente mencionadas, pensemos o nosso tempo no qual o descompromisso com “a nossa casa comum” (FRANCISCO, 2015), em nome do lucro desenfreado e da velocidade ilimitada de produção, dá a tônica da maioria de nossas relações. Um Planeta que “geme em dores de parto” (Rm 8, 22), dadas as violentas e profundas transformações geridas e impulsionadas pela espécie humana, também começa a dar sinais de reorganização: tsunamis, terremotos, explosões, superaquecimento, desregulação climática, extinção de inúmeras espécies. Como se não bastasse, no ano de 2020 a disseminação global de um novo coronavírus insere-nos de forma imanente numa rede tramada no isolamento, distanciamento social e paralisação de atividades, também na esfera micro e macro mundial. Nesses instantes de solidão radicalizou-se ainda mais nossa inserção no virtual imanente da infosfera, e aquilo que fazíamos de forma complementar, agora só é passível de realização se estivermos conectados à internet. As consequências do vírus credenciaram nossa cidadania em “Telépolis”. Nessa radicalidade, inúmeras instituições

“aparentemente” consolidadas, por serem baseadas na concretude e proximidade, tais como escolas, universidades, igrejas, fábricas, bancos e hotéis, foram fechadas e os eventos e situações de aglomerações foram cancelados.

A Igreja de Cristo, sempre atenta aos desígnios ecoados no espírito de cada tempo, viu-se proibida de realizar suas celebrações publicamente. Os templos tiveram que ser esvaziados, sob pena de punições civis. Em 2020 quando a epidemia tornou-se oficialmente pandemia, era quaresma e depois páscoa e os fiéis não puderam experimentar em comunidade seus milenares ritos que remontam à paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Mas foi nesse momento em que se acirrou a incerteza de que as águas jorraram para fora do templo, como na imagem construída pelo profeta Ezequiel (47, 1-3. 6-9. 12):

Do saguão do templo manava água para o nascente. A água ia descendo pelo lado direito do templo, ao sul do altar. Fez-me sair pela porta setentrional e me levou por fora até a porta do átrio que olha para o nascente. A água ia correndo pelo lado direito.

Na volta, conduziu-me pela margem da torrente.

Ao regressar, vi à margem do rio um grande arvoredo em ambas as margens. Disse-me: - Estas águas correm para a região oriental, descerão até a estepe, desembocarão no mar das águas podres e o sanearão. Todos os seres vivos que a povoam, terão vida aí onde desembocar a corrente, e haverá peixes em abundância. Ao desembocarem aí estas águas, o mar ficará saneado, e haverá vida onde quer que chegue a corrente. À beira do rio, em suas duas margens, crescerá todo tipo de árvores frutíferas; suas folhas não murcharão nem seus frutos acabarão; darão colheita nova a cada lua, porque são regadas por águas que manam do santuário; seu fruto será comestível e suas folhas medicinais.

A imagem das águas que jorram, se espalham, abrem vias, promovem e multiplicam a vida é a metáfora para pensar sobre o modo de como continuar a fazer pastoral ainda que se mantenha seguindo as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e dos governos locais para que não se aglomerem pessoas. “Surge, pois, a necessidade de usar, quanto possível, os meios de comunicação social para apresentar a mensagem cristã, dum modo mais interessante e eficaz, encarnando-a no estilo próprio de cada um destes meios.” (COMMUNIO ET PROGRESSIO, 131). As celebrações de Missas, recitação



do terço, exposição do Santíssimo Sacramento, orações e reflexões passaram a ser transmitidas pelas mais variadas plataformas de redes sociais de forma que os fiéis não se sentissem isolados ou desamparados espiritualmente. Alguns sacerdotes, com mais destreza na utilização dos aparatos, foram construindo uma verdadeira pedagogia on-line para que as pessoas não iniciadas nos usos não fossem somente espectadoras, mas também pudessem partilhar suas intenções, angústias ou ainda enviar vídeos e áudios com suas participações na Liturgia da Palavra e em cânticos diversos.

Olhamos para o cenário de isolamento social e podemos nos perguntar: o que há de profético nisto tudo? Poderíamos pensar que de súbito ou forçadamente as famílias viram-se encerradas em suas casas, tendo que lançar mão de estratégias de convivência presenciais quase em desuso na rotina ruidosa e apressada numa sociedade da exigência por resultados. Para otimizar o tempo (compulsoriamente livre) as famílias e indivíduos, já acostumados a buscar entretenimento ou informação na web, intensificaram sua imersão nas redes. Estas, para além dos distrativos, sendo utilizadas por membros da Igreja, especialmente pelos sacerdotes mundo afora, tornam-se um potente recurso para a maior conscientização de que

somos também Igreja Doméstica. Introduzir no interior das famílias novas práticas de convívio que incluem a escuta e reflexão da Palavra de Deus, a recitação do santo terço, a participação na Santa Missa; a escuta de cânticos e palavras ricas em significado evangélico, entre outras ações catequéticas podem ser alento e semente de esperança em tempos de incerteza perante o futuro.

A exemplo das metáforas de Telépolis e das águas que jorravam do templo, também a paróquia, por meio das transmissões nas redes, se desterritorializa do sentido geográfico, afetivo e métrico da abordagem comunicativa padrão. A pequena comunidade cristã perde a característica de um simples povoado, assumindo dimensões mais amplas até alcançar o mundo inteiro. Ao menos o mundo conectado online. Na Instrução Pastoral *Communio et Progressio*, redigida em 1971, a Igreja já tinha em conta a mundialização do território paroquial através das mídias.

Os modernos meios de comunicação social dão ao homem de hoje novas possibilidades de confronto com a mensagem evangélica; permitem aos cristãos seguir, mesmo de longe, as cerimônias religiosas. Assim, toda a comunidade cristã se reúne e cada um é convidado a participar na vida íntima da Igreja. (CP, 128).

Profética em suas palavras, a mensagem da segunda metade do século XX veste-se de total sentido com as mídias sociais que, por sua natureza descentralizada, abrem-se a mais possibilidades comunicativas que os formatos anteriores, como rádio e TV, porque agregam as características de ambas, somado à possibilidade “democrática” de cada usuário poder possuir e gerir seu próprio canal. As redes sociais acabam por criar novas formas de relações entre os cristãos, formando-os por meio de um “conhecimento pertinente” que une o universal e o particular por meio do “desenvolvimento da aptidão para contextualizar e globalizar os saberes”. (MORIN, 2004, p. 24). No universo de possibilidades disponíveis on-line, os cristãos não levam necessariamente em conta as distâncias geográficas; agregam-se por preferências que se enquadram no seu modo subjetivo de viver a fé.

## **DA HIPERVISIBILIDADE PANÓPTICA À PARTILHA DA EXISTÊNCIA**

É importante ter em conta que, uma vez que as celebrações passam a ser suportadas nas plataformas de mídias ou redes sociais, elas inserem-se num cenário de

superexposição e “extimidade”, noção construída pelo psiquiatra francês Serge Tisseron que se coloca como antônima à invenção moderna da intimidade; antônimo àquilo que é feito na ordem do segredo, do interior. É éxtimo aquilo que é confessado, publicado, exposto, ainda que não seja formalmente considerado confessável, publicável ou passível de exposição. As mídias sociais são amplificadores que jogam para a infosfera tudo aquilo que poderia ser confessado, no máximo a um amigo próximo ou às quase extintas páginas de um diário de papel. Os blogs, microbloggins e os vlogs são as expressões máximas desse avesso do íntimo.

Redes sociais podem ser hostis. Redes sociais são sustentadas por perfis criados por pessoas e, talvez por causa da suposta segurança de não estarem no espaço público, verifica-se por parte de muitas delas uma presunção de anonimato somada à fragilidade nas web-leis de punição e quase inexistência de códigos de ética específicos; em razão disso, as pessoas sentem-se muito à vontade para manifestarem as mais execráveis opiniões sobre os mais variados temas. A hostilidade transforma a rede num implacável e perverso tribunal de muitos juizes que julgam baseados, não em leis e convenções positivadas,

mas em convicções pessoais, carregadas de preconceito e ódio que têm raiz no desconhecimento.

É nesse sentido de punição que cabe a alusão ao “panóptico”, imagem evocada pelo filósofo Jeremy Bentham para falar de instituições prisionais, escolas, hospitais e manicômios do século XVIII que possuíam formas geralmente octogonais com uma torre de vigilância no centro que supostamente vigiava ininterruptamente os condenados, estudantes e pacientes para que estes fossem reorganizados – ou tornados dóceis e produtivos – com base na observação constante. A grande punição era justamente saber-se vigiado dia e noite. No século XXI, no modelo télépolis das redes sociais o panóptico já não tem parede alguma, nem precisa, quando lembramos que somos orbitados por satélites high definition, e nós próprios com nossos smartphones colocamos nosso “olho” a ver tudo o que nos interessa.

No caso de uma pastoral on-line, tendo em vista tamanha visibilidade, é preciso, mais que nunca, ser fiel ao magistério, à doutrina e aos dogmas da Igreja, especialmente no que diz respeito à exposição de opiniões sobre temas a que esta já se pronunciou de modo oficial, para não causar confusão nem desviar do caminho aquele que se alimenta da mensagem. Um sacerdote, re-

ligioso/religiosa, seminarista ou leigo que pretenda falar publicamente de algum tema católico, não pode fazê-lo a partir de suas convicções pessoais ou cedendo ao que sua “audiência” exige. Aquele que se expõe a falar ancorado no que ensina a Igreja, jamais pode agir por uma “ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades”, como proferiu o então cardeal Joseph Ratzinger na homilia da Missa Pro eligendo romano pontífice em 2005.

Na continuidade da mesma homilia o hoje Papa Emérito Bento XVI disse:

Ao contrário, nós, temos outra medida: o Filho de Deus, o verdadeiro homem. É ele a medida do verdadeiro humanismo. “Adulta” não é uma fé que segue as ondas da moda e a última novidade; adulta e madura é uma fé profundamente radicada na amizade com Cristo. É esta amizade que nos abre a tudo o que é bom e nos dá o critério para discernir entre verdadeiro e falso, entre enganoso e verdade. Devemos amadurecer esta fé, para esta fé devemos guiar o rebanho de Cristo.

Eis a grande ponderação geradora de prudência cristã. Uma vez publicada nas plataformas de mídias sociais, as celebrações oficiais, ou até mesmo orações de

cunho mais despojado e familiar, precisam estar ancoradas no que preconiza a Igreja de Cristo. A ética cristã respira entre os desígnios do espírito dos tempos e os pilares magistrais da doutrina. Levando-os em consideração não haverá grandes dificuldades em propagar a Boa Notícia nas redes, tendo em vista que está à disposição todo o arcabouço formativo do cristão católico apostólico romano: a Palavra, o catecismo, os documentos da Igreja.

Não há o que se negociar em nome de um pretenso aumento de visualizações ou fidelização de espectadores. Pode-se alterar a composição visual como a iluminação, a qualidade da conexão à internet, as lentes das câmeras e os softwares que editam e veiculam; pode-se até mesmo utilizar-se de uma linguagem mais sintética e coloquial, mas a Palavra permanece. Já preconizava a *Communio et Progressio* que

A Missa e outros ofícios litúrgicos deveriam ser incluídos no número das transmissões religiosas. É necessário, porém, que tais programas sejam devidamente preparados, do ponto de vista técnico e litúrgico. Tenha-se em conta a grande diversidade de público e, se os programas se destinam também a outros países, deve-se respeitar a sua religião e costumes. O número e duração destas transmissões seja regulado também a juízo dos ouvintes ou espectadores. (151).

Assim sendo, é preciso ter em conta que, uma vez publicada na rede, uma Missa entra num eterno looping que perigosamente a expõe às mais diversas formas de edição que, dependendo do objetivo do editor, podem deslocar, recortar, retirar de contexto para expor ainda mais a uma fragilidade que pode tornar-se meme<sup>2</sup>, piada, fake news, vazio. Tudo isso pode ser facilmente compartilhado e chegar a quase todos os lugares, muito “além do limiar do templo”, só que potente de morte e destruição. É por essas e outras razões que construímos os apontamentos presentes na sequência do texto com sugestões para a veiculação de uma celebração com a dignidade que merece Nosso Senhor Jesus Cristo.

Por outro lado, as redes podem ser o grande terreno onde, de maneira mais eficaz, conseguimos individual e coletivamente exercer uma das mais pululantes prerrogativas da espécie humana: partilhar a existência, “com-sentir”. Tal expressão, lapidada pelo filósofo italiano Giorgio Agamben (2009), que sugere uma genealogia teológica da economia e do governo e refere a amizade como um estatuto ontológico e político do bem-viver, fun-

<sup>2</sup> Composição de imagens e letras de caráter cômico feitos para comunicar e partilhar indefinidamente por aplicações de trocas de mensagens e perfis de redes sociais.

damenta-se num princípio caro a nós cristãos que desde as comunidades primitivas partilhávamos, a exemplo do Cristo, não somente bens materiais, mas o próprio existir. Ao contrário da concepção herdada da modernidade histórica, trata-se de uma partilha não objetificada; é um “com-sentir originário” (AGAMBEN, 2009). Nas palavras do filósofo,

A amizade como com-sentimento do puro fato de ser. Os amigos não dividem algo (um nascimento, uma lei, um lugar, um gosto): eles são com-divididos pela experiência da amizade. A amizade é a divisão que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. (AGAMBEN, 2009, p. 91).

O próprio Cristo, antes de sua morte de cruz, reunido com os apóstolos, quando expressou “Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa” (Lc 22, 15), fez ecoar o humano desejo de nossa espécie desde tempos imemoriais quando instituímos a oralidade, depois a escrita, seguida da imprensa, até a atualidade com as diferentes tecnologias da comunicação: trocar mensagens e palavras para partilhar a existência. É o partilhar a existência que se expressa no estar-junto, estar-com. No Evangelho de Mateus (26, 26-28), reforça-se o com-sentir,

Jesus tomou o pão e, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo. Tomando o cálice, rendeu graças e deu-lhes, dizendo: Bebei dele todos; porque este é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado por muitos para remissão de pecados. (Mt 26, 26-28).

É esta a com-divisão, que precede qualquer divisão, repetida ao longo dos dois últimos milênios pelos sacerdotes católicos de todos os recantos.

Do mesmo modo que Cristo se comportou, durante a sua vida terrestre, como o modelo perfeito do “Comunicador”, e os Apóstolos usaram os meios de comunicação então ao seu alcance, também o nosso trabalho apostólico atual deve usar as mais recentes descobertas da técnica. De facto, seria impossível, hoje em dia, cumprir o mandato de Cristo, sem utilizar as vantagens oferecidas por estes que permitem levar a mensagem a um número muito superior de homens. (COMMUNIO ET PROGRESSIO, 126).

A necessidade de comunicar, de dar a notícia, partilhar a existência está escrita nos nossos genes, “está radicada na nossa própria natureza de seres humanos”. (Bento XVI, 2009). Comunicar não é apenas exprimir ideias ou manifestar sentimentos; “no seu mais profundo

significado, é doação de si mesmo, por amor; ora, a comunicação de Cristo, é Espírito e Vida”. (CP, 11).

A partilha dessas recomendações tem o intuito de potencializar essa necessidade de comunicar do humano e, claro, podem ser adaptadas às realidades de cada pessoa e de cada local, não esquecendo que há pessoas a serviço da Igreja em locais onde não existem tais recursos e, mesmo onde eles existem, há pessoas que não têm acesso a eles. Se os instrumentos a serviço da comunicação, no entendimento da Igreja, são feitos para consolidar a solidariedade e cooperação entre os homens (INTERMIRIFICA), seria danoso se eles não fossem tornados “acessíveis àqueles que já são econômica e socialmente marginalizados ou ainda se contribuíssem apenas para incrementar o desnível que separa os pobres das novas redes que se estão a desenvolver ao serviço da informação e da socialização humana”, nos disse o Papa Bento XVI na Mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais (2009).

Além disso, que fique claro: nenhuma dessas recomendações substitui as celebrações baseadas na proximidade e presença. São formas de partilhar a existência e atuar pastoralmente quando há a impossibilidade do con-

tato e aglomeração e também para agregar aqueles que não podem definitivamente ou temporariamente ir ao templo.

Sobre isso, diz-nos o Papa Francisco na mensagem ao LIII Dia das Comunicações Sociais,

O uso da social web é complementar do encontro em carne e osso, vivido através do corpo, do coração, dos olhos, da contemplação, da respiração do outro. Se a rede for usada como prolongamento ou expectativa de tal encontro, então não se atraiçoa a si mesma e permanece um recurso para a comunhão. Se uma família utiliza a rede para estar mais conectada, para depois se encontrar à mesa e olhar-se olhos nos olhos, então é um recurso. Se uma comunidade eclesial coordena a sua atividade através da rede, para depois celebrar juntos a Eucaristia, então é um recurso. (2019).

Se pudesse resumir todos os princípios que norteiam não somente as recomendações a seguir expostas, mas uma ética da responsabilidade cristã em tempos de excessiva visibilidade, me reportaria ao Evangelho de João (3, 20-21), quando diz: “Todo aquele que pratica más ações odeia a luz e não se aproxima dela, para que as suas obras não sejam denunciadas. Mas quem pratica a verdade aproxima-se da luz, para que as suas obras sejam manifestas, pois são feitas em Deus”. Além disso,

Toda a comunicação deve obedecer à lei fundamental da sinceridade, honestidade e verdade. Não basta, portanto, a reta intenção e a boa vontade para que a comunicação seja, ipso facto, positiva; deve apresentar os factos segundo a realidade, isto é, dar uma imagem fiel da situação, conforme à sua verdade interna. (COMUNIO ET PROGRESSIO, 17).

Assim, estar na luz, seja em conotação literal ou no sentido bíblico, requer reta intenção, zelo pelas coisas de Deus alinhado aos princípios éticos de honestidade e de verdade.

## **APONTAMENTOS ÉTICOS PARA UMA PASTORAL EM MODO ON-LINE**

Listamos abaixo as quatorze propostas que não são regras, nem devem ser pensadas como passo ou receita a ser seguida. Não seguem uma sequência hierárquica de importância. Elas se inserem em discussões mais ampliadas sobre ética e cuidado com vistas a deixar o Cristo aparecer.

1. Redes sociais democratizam a informação porque não estão condicionadas a programações de canais de televisão ou estações de rádio. A programação

pode ser construída e adaptada aos horários que comumente os paroquianos estavam acostumados a rezar com o padre. Sua implementação num sentido simples e digno não requer o dispêndio de grandes recursos técnicos ou financeiros e, especialmente em tempos de isolamento social ou mesmo na impossibilidade de deslocamento de alguns fiéis por motivo de idade avançada ou enfermidades, entre outras, pode suprir o espaço vazio que a frequência às celebrações ocupava. O Decreto conciliar Inter Mirifica em seu artigo 13 recomenda que “Procurem, de comum acordo, todos os filhos da Igreja que os meios de comunicação social se utilizem, sem demora e com o máximo empenho nas mais variadas formas de apostolado, tal como o exigem as realidades e as circunstâncias do nosso tempo, adiantando-se assim às más iniciativas, especialmente naquelas regiões em que o progresso moral e religioso reclama uma maior atenção”. Para aumentar a fidelização e minimizar a dispersão é imprescindível ter clareza nos horários e pontualidade na transmissão.

2. Ainda que inicialmente o público-alvo das transmissões seja o dos paroquianos, não há como ter controle do alcance que uma publicação em uma rede social pode ter, “Posto que a eficácia de tais meios ultrapassa os limites das nações, e é como se convertesse cada homem em cidadão da huma-

nidade”. (INTER MIRIFICA, 22). Tendo em vista a universalidade da Igreja, se são seguidos dignamente os ritos, pessoas de diferentes lugares, inclusive de outros países e idiomas, compreenderão a mensagem e verão o esforço do padre ou agente de pastoral em comunicar-se quando há a impossibilidade da proximidade.

3. Comunicar-se por audiovisual não é igual a comunicar-se frente a frente. Ainda mais quando se trata de plataformas que podem ser veiculadas em telemóveis cheios de distrativos, possibilidades de fuga e subterfúgios. Mesmo assim, a mensagem precisa ser passada com clareza, segurança e autoridade. Como preconiza a Instrução Pastoral *Communio et Progressio*, “o mérito e validade moral de uma comunicação não depende só do assunto ou do conteúdo intelectual, mas também do tom e estilo com que se comunica, da linguagem e meios de persuasão que se empregam, das circunstâncias do momento, e finalmente do tipo mesmo de público a que se dirige”. (23). É importante ter em conta que uma homilia de meia hora de duração não está proibida, mas convém, ao prepará-la, lembrar que não contarás com os feedbacks (orais ou de expressão) que a celebração com os fiéis dentro da Igreja pode proporcionar. Seja denso e conciso no falar. Acredite, a mensagem será transmitida. Enfatiza a *Communio et Progressio*: “É evidente que a

apresentação dos programas religiosos tem que se configurar com as características próprias do meio usado: a ‘linguagem’ na rádio ou na televisão não pode ser um decalque da ‘linguagem’ dos púlpitos”. (128).

4. Diante de ti estará um aparelho com lentes de captura e, no máximo, uma pequena equipe de auxiliares e isso não é o mesmo que estar diante dos olhos de uma assembleia cheia de pessoas sedentas da Palavra de Deus, da Eucaristia e das palavras de correção e alento da Igreja pelo ministério do bispo, sacerdote ou diácono. Procure fazer o esforço de se colocar no lugar de quem desejaria estar nessa assembleia e não pode pelos mais diversos motivos, mas possui uma forma de visualizá-la na internet. De algum modo essa pessoa sentirá o desconfortável vazio de responder às partes da Missa também diante de um aparato tecnológico. Por esse motivo, esforce-se para cuidar bem da informação “de tal modo que, quem usa estes meios lendo, vendo ou ouvindo, possa interpretar corretamente o que recebe, e exercer em seguida a parte ativa que lhe compete na vida social; só deste modo, com efeito, aqueles meios de comunicação podem alcançar a sua plena eficácia”. (CP, 15).
5. Ao lado dos iniciantes no processo de acompanhar as transmissões via redes sociais que podemos



chamar de migrantes digitais, coabita um público grande de nativos digitais que, com destreza e olhar apurado, conhecem bem os mecanismos comunicativos que uma transmissão precisa ter para “conversar” com eles. Ainda que o próprio padre não seja um desses nativos digitais, as competências comunicativas precisam ser postas em prática para que não só a palavra falada comunique, mas seja suportada por um ambiente, angulação e iluminação que chame e sustente a atenção desses fiéis mais exigentes, multitarefeiros<sup>3</sup> e de fácil perda de foco. “Estes meios são também de grande utilidade para dar a todos uma formação cristã. Convocando peritos em educação religiosa e nos diversos problemas levantados, recorrendo a todos as possibilidades técnicas necessárias para uma apresentação atraente e moderna, podem-se realizar programas que fomentem a renovação desta educação religiosa e deem sugestões aos respectivos responsáveis.” (CP, 129).

6. Optemos sempre pela cooperação em detrimento da competição. Dar e receber feedbacks é uma

---

<sup>3</sup> Multitasking, característica própria de alguns sistemas operacionais de computadores que passaram a ser um dos pressupostos da Geração Selfie formada por sujeitos nativos digitais capazes de realizar várias tarefas ao mesmo tempo, especialmente aquelas que necessitam o uso de computadores e afins.

prática comum no universo dos usuários da web. Incontáveis fóruns de discussão, vídeos tutoriais, DIY, “reações”, caixas de comentários são habitué entre os princípios colaborativos que permeiam a internet. “Os ouvintes e espectadores, manifestando o seu juízo sobre os programas religiosos, contribuirão para o seu aperfeiçoamento.” (CP, 155). Esse espírito de colaboração a distância pode ser usado a seu favor; pedir que os e-paroquianos falem e contribuam humaniza mais a transmissão e te leva ao aperfeiçoamento da prática.

Entre os sacerdotes e agentes de pastoral, de um lado, levemos em consideração os que apresentam dificuldade com os dispositivos de conexão, hajamos com cooperação caridosa e ofereçamos nossa colaboração. Do outro lado, esses mesmos que encontram dificuldades sintam-se abertos a pedir ajuda ao outro padre ou leigo que poderá auxiliá-lo. Diz o Papa Francisco na mensagem ao LIII Dia das Comunicações Sociais: “Como cristãos, todos nos reconhecemos como membros do único corpo cuja cabeça é Cristo. Isto ajuda-nos a não ver as pessoas como potenciais concorrentes, considerando os próprios inimigos como pessoas. Já não tenho necessidade do adversário para me autodefinir, porque o olhar de inclusão, que aprendemos de Cristo, faz-nos descobrir a alteridade de modo novo, ou

seja, como parte integrante e condição da relação e da proximidade”. Não somos rivais e sim irmãos.

7. A Pastoral da Comunicação ganha novas atribuições e pode tornar-se mais atuante. Poderá inclusive ser chamada de Pastoral da E-Comunicação. Subentende-se que os membros da Pastoral da Comunicação sejam pessoas com maior destreza com as múltiplas formas de comunicar. É interessante incorporar à equipe (ou incentivar a sua criação quando não houver) membros que possam auxiliar em soluções de hardware e software, que saibam fazer uma boa gestão de feedbacks e atuem dando suporte na construção de programas de cunho religioso. Essas pessoas poderão executar boa parte de suas tarefas por teletrabalho, o que, em caso de proibição de aglomerações, manterá o serviço disponível. Os jovens terão um motivo muito interessante para envolver-se na Paróquia assim como não resta dúvidas que a qualidade e o conteúdo das transmissões terão um upgrade. “Para que a Igreja possa desenvolver ação eficaz neste campo, sobretudo no que respeita a programas religiosos, é indispensável colaboração e mútua confiança entre os católicos, que se dedicam a tal missão”. (CP, 156).
8. Na sociedade panóptica em que vivemos, qualquer situação que saia de contexto pode se transformar num “viral” na internet. Viral aqui refere-se a uma

expressão popular entre os usuários das redes que diz respeito ao rápido espalhamento de uma informação por meio de compartilhamentos em massa nas diversas aplicações de troca de mensagens ou quando ela, por sua tamanha popularidade, atinge um trending topics. Por isso, é de extrema importância atitude evangélica e sobretudo ética que NÃO compartilhemos (nem privada, nem publicamente) vídeos com edições de momentos “cômicos”, esdrúxulos ou “antilitúrgicos” das celebrações de colegas. Não nos coloquemos no lugar de juízes implacáveis que sentenciam práticas de acordo com um recorte de vídeo ou texto de poucos caracteres. Ao receber esse tipo de publicação, delete-a e, de preferência, aproveite o momento para partilhar uma mensagem de correção fraterna com quem lhe enviou. Estamos todos expostos ao mesmo risco. Uma pessoa mal-intencionada pode transformar a celebração de um sacramento em um meme ou uma peça cômica que joga por terra toda a beleza e profundidade litúrgica do momento. Nos entendimentos da Igreja sobre comunicação está contida a ideia de que ela deve ser “portadora de ‘solidariedade entre os homens’ e geradora de cooperação, intercâmbio cultural e espalhamento da Boa Notícia propiciadora da ‘comunhão e progresso da convivência humana’. (COMMUNIO ET PROGRESSIO). O Papa Bento XVI já alertava em 2009 na sua mensagem ao 43º dia das Comunicações Sociais: “Se

as novas tecnologias devem servir o bem dos indivíduos e da sociedade, então aqueles que as usam devem evitar a partilha de palavras e imagens degradantes para o ser humano e, conseqüentemente, excluir aquilo que alimenta o ódio e a intolerância, envilece a beleza e a intimidade da sexualidade humana, explora os débeis e os inermes”. É importante cuidar da reputação on-line<sup>4</sup> pessoal e da Igreja.

Os algoritmos presentes na interface da rede e utilizados para capturar padrões e replicá-los fazem o cálculo de distribuição de conteúdo baseado nas informações que autorizamos ao nos cadastrar nas redes sociais. No caso de nós que estamos vinculados a tags (ou palavras-chave) como “Igreja Católica”, “Religião”, “Missa”, preferencialmente visualizaremos vídeos, textos, áudios e outros conteúdos dessa natureza. Portanto, não sejamos nós presbíteros, seminaristas, religiosos, religiosas, catequistas e leigos os responsáveis pela disseminação em massa de conteúdos que degradam, minimizam e desrespeitam a nossa fé. Não nos autossabotemos.

---

4 Diz respeito ao histórico em forma de linha do tempo que vai se formando automaticamente a partir de tudo aquilo que publicamos, compartilhamos e seguimos na internet. Atualmente grandes empresas contratam ou deixam de contratar seus profissionais levando em consideração, além do curriculum que seria a reputação off-line, as informações on-line do candidato à vaga.

9. Ainda sobre maus hábitos que fragilizam a imagem da Igreja, sugerimos: Cuidado com as fake news, ou pós-verdades! Um presbítero ou agente de pastoral não pode replicar na rede links ou mensagens sem antes checar sua veracidade e legitimidade. O Papa Francisco – que inúmeras vezes tem sua imagem atrelada a palavras que não proferiu – em sua mensagem para o LIII Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2019, disse: “Se é verdade que a internet constitui uma possibilidade extraordinária de acesso ao saber, verdade é também que se revelou como um dos locais mais expostos à desinformação e à distorção consciente e pilotada dos factos e relações interpessoais, a ponto de muitas vezes cair no descrédito”. A facilidade que as mídias sociais dão às pessoas de publicar e produzir seu próprio conteúdo ou ter seu próprio canal, abre brechas ao compartilhamento de notícias falsas ou descontextualizadas, logo, perigosamente tendenciosas. A prática de veicular fake news lamentavelmente tem se popularizado e gerado muitos inconvenientes em todas as esferas da vida. Ensina-nos o Papa Francisco (Idem) ancorado em São Paulo: “O facto de sermos membros uns dos outros é a motivação profunda a que recorre o Apóstolo para exortar a despir-se da mentira e dizer a verdade: a obrigação de preservar a verdade nasce da exigência de não negar a mútua relação de comunhão. Com efeito, a verdade revela-se na comunhão; ao contrário, a

mentira é recusa egoísta de reconhecer a própria pertença ao corpo; é recusa de se dar aos outros, perdendo assim o único caminho para se reencontrar a si mesmo”. A verdade sempre será o melhor caminho. Para que não nos tornemos replicadores de falsas notícias, busquemos as fontes. Se não estiver seguro, não publique!

10. Cuidado com as simulações e filtros! Na linguagem da Geração Selfie a palavra “filtro” passou a ser usada para fazer menção a retoques, intervenções, dissimulações de pequenos defeitos estéticos, melhoria da aparência, otimização da imagem para atrair aceitação em forma de “like”. No capítulo 11 da *Communio et Progressio*, diz-se: “Durante a sua permanência na terra, Cristo manifestou-se como perfeito Comunicador. Pela ‘Encarnação’ fez-se semelhante àqueles que haviam de receber a sua mensagem; mensagem que comunicava com a palavra e com a vida. Não falava como que ‘de fora’, mas ‘de dentro’, a partir do seu povo; anunciava-lhe a palavra de Deus, toda a palavra de Deus, com coragem”. Jesus e seus discípulos não simulavam, eles vestiam a pele do que diziam. Ao contrário, denunciavam veementemente os simuladores, dizendo: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a

imundícia”. (Mt 23, 27). Na tentativa de fazer uma publicação ou transmissão visualmente bonita pode haver a tentação de gravar com antecedência partes vitais como procissões, elevação, consagração. Tal atitude configura-se como abuso litúrgico com implicações para além do visual. Dependendo de sua gravidade, passível da aplicação do que está referido no can. 1379. O mais importante sempre será a verdade da mensagem comunicada. Diz a *Sacro-sanctum Concilium* no seu n° 20 sobre transmissão de ações litúrgicas que “as transmissões radiofônicas ou televisivas das ações sagradas, sobretudo do Santo Sacrifício, façam-se com discrição e dignidade...”. É preciso antes de tudo estar atento ao zelo com o rito e a liturgia. É preciso comunicar bem e para que isso aconteça, basta optar pela simplicidade e fidelidade à liturgia, inteligíveis em qualquer lugar do mundo onde se encontre um católico, mesmo que este não fale o mesmo idioma que o seu.

11. Não transformar a potência comunicativa da rede numa arena de narcisismo e competição. Como já dito, há pessoas que possuem mais e outras menos destreza com os aparatos tecnológicos. O desconhecimento assusta e leva-nos a evitar quase que combativamente seus processos. Aqui não se trata de uma adesão total ao universo tecnológico dos mass media, mas de alargar ou mesmo propiciar a inclusão de pessoas que não podem acorrer ao templo. As

redes sociais não são uma moda passageira; são um modo novo de comunicação, ou, nas palavras de Michel Serres, um “suporte do saber” tão poderoso quanto a oralidade e a escrita. Por ser novidade, estamos todos tateando e aprendendo a aprender com ela. Nesse processo é comum errar ou querer construir fórmulas de certo ou errado. Na turbulência da novidade surgem novos personagens como os youtubers, blogueiros e digital influencers. Essas são as novas formas de celebridades e estrelas que o universo das redes fez emergir. Essas figuras, além de fama e reconhecimento, são geralmente bem remuneradas para publicar suas vidas e isso motiva muitos a perseguirem esse caminho. Na comunicação cristã on-line, não iniciemos nossa trajetória almejando tornarmo-nos web celebridades com números fabulosos de acessos. O objetivo primordial precisa ser o de deixar espelhar de forma refratária o Cristo através desses meios. Caso contrário, alerta o Papa Francisco, “aquela que deveria ser uma janela aberta para o mundo, torna-se uma vitrine onde se exhibe o próprio narcisismo”. (MENSAGEM AO LIII DIA DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 2019). E na versão da mensagem 10 anos antes redigida pelo então Papa Bento XVI, complementa-se: “É preciso não se deixar enganar por aqueles que andam simplesmente à procura de consumidores num mercado de possibilidades indiscriminadas, onde a escolha em si mesma se torna o bem, a no-

vidade se contrabandeia por beleza, a experiência subjetiva sobrepõe-se à verdade”. Ainda que haja a possibilidade de monetizar as páginas, não é esse o ponto motivador das transmissões.

12. O perigo limitante das “bolhas”. Bolhas, na linguagem dos utentes das redes, são zonas de isolamento e polarização construídas de acordo com os dados que fornecemos nos nossos acessos e compartilhamentos preferenciais. Por exemplo: quando compartilho que o melhor tipo de música é a clássica, à medida que busco informações sobre esse meu gosto, o algoritmo “interpreta” essa informação como de minha preferência e passará a filtrar para mim apenas pessoas e comunidades que partilham do mesmo gosto e opinião. As pessoas que não consomem música clássica não serão “sugeridas” pela página a mim e isso me deixará, a médio prazo, com a ilusória ideia de que o meu gosto musical é o mais interessante, ou mesmo hegemônico. Conviver confortavelmente apenas com pessoas que pensam igual a mim não acresce muito à minha visão de mundo. Tende a me colocar em oposição alienante àquilo de que discordo. Isso é perda! “Quando sentimos a necessidade de nos aproximar das outras pessoas, quando queremos conhecê-las melhor e dar-nos a conhecer, estamos a responder à vocação do [...] Deus da comunicação e da comunhão.” (Bento XVI, 2009. MENSAGEM AO 43º

DIA DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS). A Igreja é formada por membros plurais e é preciso estourar essa bolha para que sejamos capazes de comunicar com os distintos gostos e perfis. Afinal de contas, “todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também”. (1 Cor 12, 12).

13. Nunca é demais lembrar que é preciso constantemente construir conhecimento. Temos à nossa disposição um banco quase infinito de informações nestes tempos. Impossível de serem armazenadas na nossa memória biológica, cada vez mais exportamos memórias para dispositivos externos na tentativa de acondicionar tanta coisa. Informação não é conhecimento. Conhecimento é tratamento, lapidação das informações agrupadas por similitude ou oposição. Neste sentido, capacitemo-nos lendo material a respeito da problemática das redes sociais e suas possibilidades comunicativas. Há muita investigação de alta qualidade dispersa em distintas áreas do saber que nos auxiliarão não somente com dicas técnicas, mas com o entendimento deste fenômeno e suas implicações na nossa vida.
14. Por fim, dirigimo-nos à solicitude dos bispos, pastores responsáveis, também nessa seara por “vigiar estas obras e iniciativas e promovê-las, enquanto tocam ao apostolado público”. (INTER MIRIFICA, 20). A expressão “vigiar”, aqui, ganha a conotação

de cuidado. Um pastor de ovelhas reconhece as individualidades de seu rebanho, bem como suas potências e fragilidades. Ciente disso ele não busca padronizá-las, mas dar-lhes a necessária atenção para que não se extraviem.

Falamos neste texto de possibilidades que podemos lançar mão para entrarmos com maior inteireza nessas formas adicionais de fazer pastoral por meio das conexões on-line. Mas lembremo-nos de que a rede não é algo tecido pelos outros. Somos nós também tecelões dessa trama e só faz sentido emaranhar-nos numa rede de que sejamos também construtores. Mais do que fazer uma transmissão ou catequese precisamos alimentar nos fiéis o desejo de ser Igreja e de juntar-se para partilhar a Palavra, os Sacramentos e, sobretudo, a Vida em abundância. Temos que ser, como povo de Deus, capazes de repensar nossa atitude diante do mundo. Se não temos respostas, façamos as perguntas, e miremo-nos no exemplo do Cristo que nem mesmo a injusta prisão, tortura e morte de cruz tiraram-lhe a potência de mudar o mundo, redimindo-o. Comunicemos como o anjo a Nossa Senhora que, por sua vez, comunicou ao mundo o Salvador.

## APORTES TÉCNICOS PONTUAIS

Tendo em vista que usuários e produtores de conteúdos postados ou transmitidos via redes sociais estão a cada dia elevando o grau de exigência e padrão de qualidade de seu material e entendendo que uma transmissão digna requer simplicidade e rigor, elencamos algumas sugestões de como melhorar uma pastoral on-line. A *Communio et Progressio* diz claramente no parágrafo 130:

O público dos nossos dias está, de tal maneira, habituado ao estilo cuidadoso e atraente, próprio dos meios de comunicação, que não suporta a mediocridade na apresentação de espetáculos públicos e, muito menos, quando se trata de cerimônias litúrgicas, alocações ou qualquer tipo de instrução cristã.

No ponto 128, diz: “Seria também lamentável, se o nível dos programas de índole religiosa fosse inferior ao dos restantes programas”. Por fim, no parágrafo 150, afirma: “A Igreja, portanto, deve-se esforçar para que tais programas sejam continuamente melhorados com novos recursos técnicos e artísticos”.

### #1 – Luz, câmera, ação

É preciso que o ambiente esteja bem iluminado. Quando se trata de vídeo, luz extra é sempre bem-vinda, mas sem exageros para não “estourar”, ou seja, não desfocar e, no caso de algumas câmeras, ondular a imagem, dificultando a visualização. Procure iluminar pontos do ambiente e sempre calcule com a câmera ligada como fica.

Um smartphone com boa conexão à internet pode, sozinho, transmitir uma celebração, mas ele sozinho pode não ser suficiente. Outras câmeras de melhor definição podem ser inseridas. Algumas delas têm conexão direta com a internet e podem transmitir ao vivo. Outras, para conseguir transmissão simultânea carecem da utilização de softwares de retransmissão.

Quando se utiliza software de retransmissão pode-se optar por utilizar várias câmeras simultaneamente. Esse recurso sofisticado a transmissão porque mostra o ambiente e o celebrante de ângulos distintos que podem proporcionar uma experiência de maior imersão ao espectador.

Ainda com os softwares de retransmissão é possível inserir áudios, takes e outros recursos de imagem. Os

takes, diferentemente das simulações, são imagens capturadas previamente de lugares estratégicos como o altar mor, nichos, imagens de santos, panorâmicas da igreja, entre outros. Esses takes são inseridos ao longo da transmissão para que o espectador possa “descansar” o olhar de uma imagem fixa.

Os smartphones e outras câmeras possuem microfones embutidos. Esses só fazem efeito quando o ambiente é pequeno e livre de ruídos. Podem funcionar em ambientes maiores quando o sistema de som do local é de boa qualidade e a acústica do lugar ajuda. Caso contrário, acoplar microfones direcionados ou fazer uso de adaptadores para a mesa de som do lugar seguramente elevará o nível da sua transmissão, pois o espectador compreenderá com clareza, sem ecos ou ruídos, a sua fala.

Já que estamos a falar de microfones e sistemas de som, vale fazer ecoar o parágrafo 152 da *Communio et Progressio*: “As homilias e alocações devem conformar-se com a natureza do programa. Quem for chamado a desempenhar esta função, deve ser cuidadosamente escolhido e possuir o devido conhecimento prático das técnicas de rádio e televisão”.

Pois bem, é preciso modular o discurso, sem perder o conteúdo, mantendo o rigor no modo de falar, mas

alongar-se demais no tempo pode prejudicar a comunicação e catequese do povo. Quando se tem os recursos extras de takes e multicâmeras para variar os ângulos, minimiza-se o problema, mas é de bom tom planejar alocações concisas e profundas.

## **#2 – Redes, transmissão, interação**

Escolha a rede social de sua preferência e abra uma conta (cadastre-se) com o nome da paróquia. Além da página-perfil, crie uma página estilo comercial, porque elas estão estruturadas para o trabalho. Evitem utilizar vossos perfis pessoais para que seus dados e contatos não fiquem demasiado expostos. Outro ponto positivo nas páginas públicas comerciais é que a palavra-passe pode ser partilhada com pessoas de confiança que, desde seus próprios smartphones, poderão auxiliar na gestão, principalmente dos feedbacks.

Essas pessoas de confiança podem ser membros da Pastoral da Comunicação. Caso não exista na sua paróquia, motive sobretudo os jovens a participarem. Eles estarão prestando um serviço pastoral e poderão agregar



potência criativa e comunicativa antes, durante e depois das transmissões.

Nas páginas comerciais é possível ativar filtros (fishing) que limitam e excluem possíveis palavras de baixo calão na área de comentários. As redes são muito vastas.

Seja claro com relação aos horários e programação. Seja sempre pontual e lembre-se: é muito fácil distrair-se diante de um smartphone com infinitos recursos e atrativos visuais. Oscilar no horário de transmissão não fideliza as pessoas.

Alimente os mecanismos que na linguagem das redes chamam-se “engajamento”. Faz-se isso por meio dos “likes” e resposta aos comentários, sempre que possível. A Pastoral da Comunicação pode fazer isso.

Mantenha a página sempre atualizada para que os espectadores que, na verdade, são paroquianos em modo on-line sintam-se afagados pelas palavras do sacerdote.

### #3 – Outros

Algumas plataformas de redes sociais possibilitam monetizar perfis públicos. Em outras palavras, uma

vez atendidas as exigências internas de cada plataforma, como por exemplo, número mínimo de inscritos ou seguidores (algumas pedem 1.000, outras 10.000), entre outras exigências particulares, os acessos (baseados no tempo de permanência e outras métricas) geram um valor cotado em dólar que é revertido para uma conta fornecida pelo administrador do perfil. Os digital influencers e muitas celebridades que nasceram com a popularização do acesso à internet mundo afora são altamente remuneradas por essas plataformas. No contexto eclesial o motivador de criação de uma página não precisa ser a monetização, mas, se forem atingidos os níveis de exigência, os recursos provenientes dos acessos às postagens e transmissões podem ser direcionados para a manutenção das pastorais, melhoria dos equipamentos, aquisição de material e outras despesas. Trata-se de uma remuneração legal.

Concluimos com o parágrafo 182 da *Communio et Progressio*: É mais do que nunca tempo “de aprofundar o sentimento de fraternidade entre os homens e de proclamar a Boa-Nova da Salvação até aos últimos confins do mundo”.

## REFERÊNCIAS

### DOCUMENTOS

BENTO XVI, Cardeal. Homilia na Santa Missa Pro Eligendo Romano Pontífice. Roma, 18 de abril de 2005. Disponível em: [http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice\\_20050418\\_po.html#top](http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html#top)

BENTO XVI, Papa. Mensagem do Papa Bento XVI para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade. Roma, 2009. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20090124\\_43rd-world-communications-day.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html)

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, promulgado por João Paulo II, Papa. 6. ed. atualizada e revisada. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2014.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Conciliar Inter Mirífica – Sobre os Meios de Comunicação Social. In: <http://www.vatican.va>.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica Laudato Si'. São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. Mensagem do Papa Francisco para o LIII Dia Mundial das Comunicações Sociais: “Somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana. Roma, 2019. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20190124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html)

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Ética nas Comunicações Sociais. Vaticano: 2000. In: [www.vatican.va](http://www.vatican.va).

\_\_\_\_\_. Ética na Internet. Vaticano: 2002. In: [www.vatican.va](http://www.vatican.va).

\_\_\_\_\_. Igreja e Internet. Vaticano: 2002. In: [www.vatican.va](http://www.vatican.va).

\_\_\_\_\_. Instrução Pastoral *Communio et Progressio*. Vaticano. In: [www.vatican.va](http://www.vatican.va).

SACROSSANTUM CONCILIIUM. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

### **LIVROS**

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.

ECHEVERRÍA, Javier. *Telópolis*. Barcelona: Destino, 1994.

LÈVY, Pierre. A revolução digital só está no começo. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva em 12 de abril de 2015. Caderno de Sábado, *Jornal Correio do Povo*. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=7087>. Acesso em: 12 de abril de 2015.

LUCENA, Thiago Isaias Nóbrega de. *Generación Selfie: redes sociales y la construcción de nuevas formas de existir. Visión Docente Con-Ciencia*. Edição nº 77. Centro Universitário ARKOS: México, 2016.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya. Brasília: UNESCO, 2000.

SERRES, Michel. *Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.



**Prof. Dr. Thiago Isaias Nóbrega de Lucena.** Professor Doutor da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Brasil). Membro do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra no qual investiga Geração Selfie: mídias sociais e universidades como parlamentos de reorganização da condição humana”. Pesquisador do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM) e do Círculo de Cultura Audiovisual (CICULT). Membro da Rede Diálogos em Mercosur.



**Padre José Joanees Souza Oliveira.** Sacerdote católico do Seminário de São José de vila Viçosa em Portugal, Mestrando em Direito Canônico na Universidade Pontifícia de Salamanca-Espanha. Interessa-se por Direito Canônico e temas que religam ciência, tecnologia e religião, evangelização e apostolado em rede.

## Cadernos Teologia Pública

N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ

N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer

N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher

N. 4 No Quarentenário da Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM

N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes

N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta

N. 7 Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ

N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho

N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner

N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amaladoss, SJ

N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ

N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ

N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior

N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García

N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor

N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ

N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess

N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch

N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch

N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel

N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould

N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles

N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM

N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos

N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald

N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel

N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana María Formoso

N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta

N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier

N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior

N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng

N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson

N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Victor Hugo Mendes

N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin

N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio

N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan

N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess

N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro

N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi

N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi

N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno

N. 44 A origem da vida – Hans Küng

N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani

N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé

N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin

N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels

N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel

N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraud, SJ

N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson

N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards

N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora

N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo

N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat

N. 56 Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo

N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson

N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald

N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger

N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva

N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel

N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto

N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred

N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé

N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi

N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt

N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava

N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel

N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Degislando Nóbrega de Lima

N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto

N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda

N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier

N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro

N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight

N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan

N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil



N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald

N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne

N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares

N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin

N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina

N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna

N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho

N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado

N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo

N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan

N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin

N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko

N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher

N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley

N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki

N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko

N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo

N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley

N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli

N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral Gaudium et spes: por uma fé que sabe interpretar o que advém – Aspectos epistemológicos e constelações atuais – Christoph Theobald

N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle

N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier

N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes – Geraldo Luiz De Mori

N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes – Afonso Murad

N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff

N. 102 A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira

N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares

N. 104 A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald

N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira

N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins

N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto

N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann

N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber

N. 110 A Encíclica Laudato Si’ e os animais – Gilmar Zampieri

N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitatis Humanae e Amoris Laetitia – Andrea Grillo

N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald

N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch

N. 114 Laudato Si', o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco

N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz

N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um sensus fidelium digitalis? Moisés Sbardelotto

N. 117 Laudato Si' e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange

N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi

N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow

N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong

N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio

N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson

N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney

N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano

N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior

N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão – Colby Dickinson

N. 128 O Princípio Pluralista – Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética – Ivone Gebara

N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben – Joel Decothé Junior

N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes

N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos – Massimo Borghesi

N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais “Familiaris Consortio” de Wojtyła e “Amoris Laetitia” de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial – José Roque Junges

N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco – Massimo Faggioli

N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento – Juan Carlos Scannone S.I.

N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler

N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium – Paulo Suess

N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial” – Andrea Grillo

N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? – Austen Ivereigh

N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas – Andrea Grillo

N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar – Márcio Antônio de Almeida

